

A ADAGA DO CORONEL

Dizem que existem várias tribos de Ciganos, alguns nem são mais nômades tendo casa fixa. No entanto a maior fama dos ciganos é a de serem exímios comerciantes e a de usarem muitos truques, nem sempre honestos, para conseguirem seus objetivos. Quase sempre saem ilesos de seus golpes pois se mudam muito e ninguém sabe onde encontra-los, são quase anônimos.

Estes ciganos que vivem de déu em déu vendem cavalo cego como se tivesse a virtude de ser dócil, vendem tachos de ferro cobreado como se fossem de cobre puro, aplicam sulfato de cobre e óleo em peças de corte alegando ser uma fórmula secreta que aumenta em dezenas de vezes a durabilidade do corte.

Trabalham com muita habilidade o ferro o cobre e demais metais na forja e na bigorna mas preferem fazer uma peça vagabunda de um aço fatigado e duvidoso e vender com uma aura de mistério e histórias de poderes ancestrais e sobrenaturais.

Estas técnicas, de ludibriarem o comprador, tem funcionado há séculos basicamente por fazerem uma única venda para cada freguês e se mudarem rapidamente antes que a fraude seja descoberta.

Esta tribo chegou na fazenda do Coronel e pediu licença para acampar por uns dias.

Venderam e compraram cavalos, venderam bijouterias de latão folheado a ouro como se fosse ouro puro.

Forjaram aços vagabundos e impressionaram o coronel com truques de corte após milaborantes histórias de técnicas ancestrais herdadas dos Celtas para tratamentos térmicos de têmpera do aço na urina dos cavalos e em barricas de vinho.

Não contavam que o Coronel iria testar tão rápido o facão de poderes milagrosos que lhe venderam.

Nos primeiros golpes em um fino guatambu para fazer um cambão para bater e debulhar o feijão o Coronel percebeu que o facão era tão mole quanto o velho burro que emprestou a urina para a têmpera. A um golpe mais forte a lâmina se quebrou bem próximo do cabo e dava para ver nitidamente uma grande e antiga trinca dentro do aço vagabundo.

O Coronel percebeu imediatamente que fora vítima de encenações teatrais em toda aquela ritualística das “técnicas ancestrais de têmpera do aço” e sentiu-se um verdadeiro otário.

Imediatamente escorraçou com toda a tribo de Ciganos na ponta do chicote e em meio a uma verdadeira chuva de pragas que lhe eram rogadas pelas ciganas.

Preocupado com o espírito violento dos mesmos e possíveis intenções de vingança o Coronel mandou chamar o velho Gabriel, um ferreiro italiano que lhe forjava os aros e eixos das rodas das carroças e cuja habilidade na forja era muito grande.

- Véio Gabrié, vou te dar um serviço único e de grande responsabilidade, mas vou te pagar tão bem por ele que você vai poder pegar um vapor e ir ver seus parentes na Itália!
- Diga lá Coroné! A forja ta quente e a marreta já ta dentro da tina d'água desde ontem.
- Quero que você me faça um punhal especial.
- Tudo que faço pro senhor é do melhor meu Coroné!
- Deixa de me bajular Italiano Safado!! A história agora é outra! Quero um punhal que só de triscar a pele do infeliz já o mande pro bebeléu!!

- Agora o Coroné judiou deste Galego aqui!
- Você tem um mês pra me trazer este punhal.

Gabriel foi-se embora pensativo e apreensivo, conhecia bem as histórias das malvadezas do Coroné como aquela de amarrar o infeliz do Turco no curral, arriar as calças dele e colocar um bezerro faminto para mamar no membro sexual do coitado.

Quanto mais mamava e não saía leite mais fortes eram as cabeçadas do bezerro!!

O Turco ficou inutilizado pro resto da vida e é claro que nunca mais olhou pra filha do Coronel. As histórias eram muitas e justificavam a inquietação do Velho Ferreiro.

Naquela noite o sono demorou a chegar-lhe, parecia que tinha casca de ovo moída espalhada pela cama. O ponteiro grande deu muitas voltas antes que as pálpebras lhe pesassem.

Na manhã seguinte Gabriel acordou cedo com um plano na cabeça, saiu com passos rápidos, mas a forte e densa cerração mudou-lhe a intenção, diminuiu o passo para não se cansar no esforço de abrir caminho pela névoa que parecia um grande algodão doce. Já estava cansado pela noite mal dormida com aquele corpo de quem dormiu em colchão alheio. Nem se lembrou de comer o tradicional prato fundo com polenta temperada com café, leite e rapadura raspada.

Foi direto pro galpão da peãozada e já chegou falando:

- A partir de hoje ninguém mais mata cobra venenosa! Ordens do Coroné! Se encontrar coloca em um saco e traz pra mim!

O estômago reclamou e o italiano foi comer seu pratão de polenta. Depois do café da manhã reforçado foi até a escolinha que ficava ao lado da capela da fazenda, pediu licença pra professora e dirigiu-se ao grande grupo de crianças:

- Quem tem bodoque levanta a mão!

Quase todos os meninos levantaram, alguns tão alto que pareciam estar querendo apanhar uma fruta no ar.

- Sei que vocês adoram caçar sapos com seus bодоques, no entanto estou precisando pegar muitos sapos e quero contar com a ajuda de vocês. Quem encontrar um sapo não mata! Vem me chamar que ganha uma bala, daquelas da macaquinha! Treinem a pontaria nos lagartos verdes.

Durante duas semanas a algazarra das crianças foi uma constante.

- Seu Gabriel! Seu Gabriel! Gritavam em coro enquanto corriam em direção à estrebaria.

O italiano teve que reforçar seu estoque de Balas Chita.

Todo final de tarde no retorno da peãozada era um dois ou até três sacos com cobra venenosa.

A um caçador que se embrenhava profundamente na floresta Seu Gabriel fez um pedido especial e solicitou-lhe que fizesse segredo da encomenda:

- Traga-me duas das maiores castanhas da Jarina que encontrar e será bem recompensado.

Todos os dias o Ferreiro raspava a peçonha das costas dos sapos e “ordenhava” o veneno das presas das cobras.

Toda peçonha coletada era colocada em uma velha lata enferrujada que já tinha uma triste história. Um negrinho da colônia cortou-se nesta lata e veio a falecer dias depois de tétano.

De uma velha grossa de raspar os cascos dos cavalos forjou uma bela lâmina de adaga. Lixou-a até tirar todas as marcas do forjamento e endureceu o aço fazendo a têmpera no grosso caldo de venenos depositados na velha lata enferrujada.

Embrulhou muito bem a lâmina em um velho pano e passou a montar o cabo. Trabalhou minuciosamente o apoio de pé de um antigo estribo de alpaca e com esta bela “Prata Alemã” fez a guarda da adaga afinal de contas a mão que empunhasse esta inominável lâmina nunca poderia ferir-se nela.

Das duríssimas castanhas da Jarina tirou grossos círculos que foram intercalados com o negro chifre de Búfalo.

O contraste entre o branquíssimo marfim vegetal da Jarina e o negríssimo chifre proporcionou um belo cabo que foi finalizado com uma antiga moeda de prata.

Para completar a missão o italiano fez uma bainha com um grosso couro de Anta.

No sábado, último dia do prazo, Gabriel acercou-se da grande varanda onde o Coronel, como se fosse uma grande Sucuri digerida a meia leitoa que comera no almoço.

- Boa tarde Coroné! Desculpa atrapalhar sua soneca!
- Chega mais italiano! Eu estava justamente pensando em você e naquele grande formigueiro que tem na entrada da fazenda!
- Quê que é isto Coroné! O senhor sabe que eu nunca mijei pra traz!
- Ta bão! Vai lá! Vamos ver a adaga! Fiquei sabendo que você fez um rebuliço danado na fazenda e na escolinha!
- Era necessário Coroné! Vossa adaga ta aqui, embrulhei neste pano velho pra fugir dos olhares curiosos da colônia.
- Passa cá, deixa-me ver!
- Cuidado Coroné! O senhor se lembra do que foi que pediu?
- Humm, belo cabo! O que usou?
- Aí tem o chifre de um Búfalo macho dos grandes e as rodelaas claras são de marfim de Elefante, dois grandes animais que impõem muito respeito assim como o Coroné.
- E onde você foi arrumar presa de Elefante?
- Ora Coroné! Eu não disse que pro senhor faça sempre o melhor? A história deste marfim é longa e lhe conto em outra ocasião (o italiano ainda não tinha bolado a estória), o importante é que tenha gostado da adaga.
- Gostar eu gostei muito agora preciso ver se funciona conforme o pedido!
- Pode testar Coroné, mas não nimim!!!

O Coronel olhou o cachorro sonolento aninhado perto de sua cadeira. Esticou o braço e triscou o nariz do mesmo com a ponta da adaga.

O cão emitiu um curto gemido que ficou interrompido ao meio. Caiu antes de se levantar. Ficou imóvel e seu rabo ficou parado no ar no meio de um abano interrompido pela potência dos venenos.

- Êta Italiano porrêta!! Salomé! Salomé! Traga minha guaiaca que não gosto de ficar devendo pra pobre!!

Passados uns dez dias da entrega Dona Salomé mandou chamar o Seu Gabriel.

- Pois não dona Salomé!?
- Venha até o quarto do Coronel! Ele caiu de cama traizantonte e acho que o senhor é o responsável.
- Eu??!
- Olha só a grosseira que está na perna dele onde carrega a adaga que fez!
- Ta loco Dona Salomé! O veneno ta atravessando todo o couro da bainha! E olha que usei dos mais grossos!
- E agora o que fazemos?
- A senhora coloca umas ervas e fumo, à moda antiga que corta o veneno, pois ainda foi bem pouco. Eu vou fazer uma bainha de ferro pra adaga.

Depois de uma semana o Coronel estava de pé e orgulhosamente ostentava na cintura sua bela adaga agora com uma grossa bainha de ferro.
Cada vez que o Coroné levava a mão no cabo da adaga quem estivesse por perto dava dois passos pra traz e ele se divertia com isto!

Marcos Soares Ramos Cabete
Caipira de Ribeirão Preto com grande orgulho!!
Janeiro/2005